

SIMON WINCHESTER

O PROFESSOR E O LOUCO

*Uma história de assassinato
e loucura durante a elaboração
do dicionário Oxford*

Tradução
Flávia Villas-Boas



Copyright © 1998 by Simon Winchester
Todos os direitos reservados a Barnhill Press Ltd

Publicado originalmente pela editora Record, 1999

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The professor and the madman — A tale of murder, insanity, and the making
of the *Oxford English dictionary*

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Juliane Kaori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Winchester, Simon

O professor e o louco : uma história de assassinato e loucura
durante a elaboração do dicionário *Oxford / Simon Winchester* ;
tradução Flávia Villas-Boas. — São Paulo : Companhia das Letras,
2009.

Título original: The professor and the madman — A tale of
murder, insanity, and the making of the *Oxford English dictionary*

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-1553-2

1. Dicionário Oxford Inglês 2. Estados Unidos — História
— Guerra civil, 1861-1865 — Veteranos — Biografia 3. Inglês —
Etimologia 4. Inglês — Lexicografia — História — Século 19 5.
Murray, James Augustus Henry, Sir, 1837-1915 6. Linguistas —
Grã-Bretanha — Biografia 7. Minor, William Chester 8. Pacientes
de hospital psiquiátrico — Grã-Bretanha — Biografia 1. Título.

09-09363

CDD-423.09

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguistas : Biografia 423.09

2009

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	9
1. A calada da noite em Lambeth Marsh	12
2. O homem que ensinava latim às vacas	32
3. A loucura da guerra	50
4. Reunindo as filhas da terra	80
5. A concepção do Grande Dicionário	104
6. O sábio do Pavilhão 2	118
7. Atualizando as listas	134
8. <i>Annulated, Art, Brick-Tea, Buckwheat</i>	147
9. O encontro das mentes	164
10. O corte mais cruel	187
11. Então, apenas os monumentos	201
Posfácio	217
Nota do autor	221
Agradecimentos	225
Sugestões de leituras	232
Sobre o autor	235

1. A CALADA DA NOITE EM LAMBETH MARSH

murder (mɛ:rdə), s. Formas: a. 1 morþor, -ur, 3-4 morþre, 3-4, 6 murthre, 4 myrþer, 4-6 murthir, morþher, 5 esc. murthour, murthyr, 5-6 murthur, 6 mwrther, esc. morthour, 4-9 (agora *dial.* e *hist.* ou *arc.*) murther; β. 3-5 murdre, 4-5 moerdre, 4-6 mordre, 5 moordre, 6 murdur, mourdre, 6-murder. [Ing. an t. *morðor* neut. (com pl. da forma masc. *morþras*) = gót. *maurþr* neut.:teut. ant. **murpro:m*:-pré-teut. **mrto-m*, f. rad. **mer-*: *mor-*: *mr-* morrer, do lat. *mori* morrer, *mors* (*morti-*) morte, gr. *μορτός*, *βροτός* mortal, sânsc. *mr̥* morrer, *mará* masc., *mrti* fem., morte, *márta* mortal, arc. *mīrēti*, lituan. *mirti* morrer, galês *marw*, irl. *marþ* morto.

A palavra não foi encontrada em nenhuma língua teutônica além do ing. e do gót., mas que ela existiu na Alem. Ocid. continental é evidente, já que é a fonte do fr. arc. *murdre*, *murtre* (fr. mod. *meurtre*) e do lat. méd. *mordrum*, *murdrum*, e o alto-al. antigo tinha o derivativo *murdren* MURDER v. Todas as línguas teutônicas exceção o gót. possuíam uma palavra sinônima para o mesmo radical com sufixo diferente: ing. ant. *morð* neut., masc. (MURTH¹), esc. arc. *morð* neut., frísio arc. *morþ*, *mord* neut., hol. méd. *mort*, *mord* neut. (hol. *moord*), alto-al. antigo *mord* (alto-al. méd. *mort*, al. mod. *mord*), nor. ant. *morð* neut.:teut. ant. **murþo*:-pré-teut. **mrto*.

A transformação do original *ð* em *d* (contrariamente à tendência geral de transformar o *d* em *ð* antes do *r* silábico) deveu-se provavelmente à influência do fr. arc. *murdre*, *moerdre* e do lat. novo *murdrum*.]

1. O mais hediondo tipo de homicídio criminoso; também um exemplo deste. No *Direito inglês* (também

Esc. e EUA), definido como provocar ilicitamente a morte de um ser humano com intenção criminosa pre-meditada; com frequência mais explicitamente como homicídio doloso.

Em inglês antigo a palavra podia ser aplicada a qualquer homicídio que fosse fortemente reprovado (tinha também os sentidos de “grande perversidade”, “injúria mortal”, “tormento”). De forma mais restrita, entretanto, denotava assassinato *secreto*, o que na antiguidade germânica era o único visto (no sentido moderno) como crime, sendo o homicídio público considerado um delito civil de reivindicação privada de vingança por sangue ou compensação. Mesmo sob o reinado de Eduardo I, o bretão explica o francês arcaico *murdre* apenas como o homicídio doloso no qual tanto o perpetrador como a vítima não estão identificados. A “intenção criminosa premeditada” que entra na definição legal de *murder* não admite (como é interpretada hoje) nenhuma definição resumida. Uma pessoa pode até ser culpada de “homicídio doloso” sem pretender a morte da vítima, como é o caso em que a morte resulta de um ato ilícito que o infrator sabia apresentar possibilidade de provocar a morte de alguém, ou de ferimentos infligidos para facilitar a perpetração de certos delitos. É essencial para “*murder*” que o perpetrador seja mentalmente são e (na Inglaterra, embora não na Escócia) que a morte se siga no prazo de um ano e um dia após o ato que presumivelmente a causou. No ordenamento jurídico britânico não são reconhecidos graus de culpa no homicídio; nos Estados Unidos a lei distingue “homicídio em primeiro grau” (quando não há circunstâncias atenuantes) e “homicídio em segundo grau”.

Na Londres vitoriana, até num lugar tão sem moral e de notória criminalidade como Lambeth Marsh, o som de tiros

constituía um acontecimento efetivamente raro. O brejo era um lugar sinistro, uma mixórdia de casas miseráveis e pecado que espreitava, sombria como um ogro, à margem do Tâmisa do outro lado de Westminster; poucos londrinos respeitáveis jamais admitiriam sequer a ideia de se aventurar por ali. Era também uma parte altamente violenta da cidade — o salteador movia-se furtivamente por toda Lambeth, houvera certa vez uma onda de estrangulamentos, e em cada viela apinhada de gente achavam-se os mais rudes tipos de batedores de carteiras. Fagin, Bill Sikes e Oliver Twist teriam se sentido em casa na Lambeth vitoriana: essa era a Londres dickenseniana descrita pormenorizadamente.

Mas não era lugar de homens com armas de fogo. O criminoso armado era um fenômeno pouco visto na Lambeth dos tempos do primeiro-ministro Gladstone, e ainda menos conhecido em toda a vastidão metropolitana de Londres. As armas eram caras, incômodas, complicadas de usar, difíceis de esconder. Naquela época, como ainda hoje, o uso de arma de fogo na perpetração de um crime era considerado, de certa forma, um ato muito antibritânico — e alguma coisa sobre a qual se devia escrever, deixar registrada como raridade. “Felizmente”, proclamou um presunçoso editorial no semanário de Lambeth, “neste país não temos nenhuma experiência do crime de ‘abater a tiros’ tão comum nos Estados Unidos.”

Assim, quando uma breve fuzilaria de três tiros de revólver disparou pouco depois das duas horas na madrugada enluarada de sábado, 17 de fevereiro de 1872, o som foi inesperado, inédito e chocante. Os três estampidos — talvez tenham sido quatro — foram altos, muito altos, e ecoaram pelo ar frio, enevoado e úmido da noite. Foram ouvidos — e, considerando sua raridade, só por acaso reconhecidos de imediato — por um zeloso guarda chamado Henry Tarrant, então lotado na Divisão L da Polícia Civil de Southwark.

Os relógios haviam acabado de bater as duas horas, suas anotações informaram depois; ele estava cumprindo com a languidez de rotina a ronda do último turno, caminhando lenta-

mente sob os arcos do viaduto junto à estação ferroviária de Waterloo, chocalhando os cadeados das lojas e maldizendo a friagem de entorpecer os ossos.

Quando ouviu os tiros, Tarrant soprou seu apito para alertar qualquer colega que (ele esperava) pudesse estar de vigia ali por perto e começou a correr. Em segundos já atravessara às carreiras o emaranhado de vielas ordinárias e escorregadias do que naquele tempo ainda era chamado vilarejo, e emergira na Belvedere Road, faixa larga de calçada à margem do rio, de onde estava certo de que os disparos tinham vindo.

Outro policial, Henry Burton, que ouvira o assobio penetrante, e um terceiro colega, William Ward, correram até o local. Segundo as anotações de Burton, ele se precipitou em direção ao som que ecoava e topou com seu colega Tarrant, que a essa altura já estava segurando um homem, como se o estivesse detendo. “Depressa!”, gritou Tarrant. “Corram até a estrada, um homem foi baleado!” Burton e Ward partiram rumo à Belvedere Road e em segundos encontraram o corpo inerte de um homem agonizante. Caíram de joelhos, e alguns observadores da cena do crime notaram que os dois tinham se livrado de seus capacetes e luvas e estavam debruçados sobre a vítima.

Havia sangue jorrando sobre o calçamento — sangue manchando um ponto que por muitos meses depois seria descrito nos jornais de estilo mais dramático da cidade como local de UM CRIME HEDIONDO, UM TERRÍVEL ACONTECIMENTO, UMA OCORRÊNCIA ATROZ, UM ASSASSINATO VII.

A Tragédia de Lambeth, foi como os jornais finalmente se decidiram a chamar o caso — como se a simples existência de Lambeth não representasse, em si mesma, uma tragédia. Ainda assim, esse fora um acontecimento bastante incomum, mesmo para os baixos padrões dos moradores do pântano. Porque, embora o lugar onde o assassinato ocorreu tivesse sido testemunha, ao longo dos anos, de muitos eventos estranhos, do tipo avidamente narrado nas publicações baratas de terror, esse drama em particular iria desencadear uma série de consequências

absolutamente sem precedentes. E, ainda que alguns aspectos desse crime e seus efeitos tenham vindo a se revelar tristes e quase inacreditáveis, nem todos, como este relato irá mostrar, seriam inteiramente trágicos. Longe disso, na verdade.

Mesmo hoje, Lambeth é uma área particularmente desagradável da capital britânica, imprensada, anônima, entre o imenso leque de estradas e ferrovias que levam e trazem passageiros dos condados ao sul de Londres para o centro da cidade. O Royal Festival Hall e o South Bank Centre erguem-se ali, construídos no terreno da feira de exposições onde em 1951 foi encenado um espetáculo para ajudar a levantar o ânimo dos londrinos exauridos pelo racionamento de víveres. Fora isso, é o tipo de lugar sem personalidade, feio — fileiras de construções que lembram penitenciárias e abrigam cada vez menos ministérios do governo, a sede de uma companhia petrolífera em volta da qual os ventos do inverno açoitam impiedosamente, alguns pubs insignificantes, gráficas de jornais e a presença desdenhosa da estação de Waterloo — recentemente ampliada com os terminais para os trens expressos do túnel do canal da Mancha —, que exerce sua surda atração magnética sobre toda a vizinhança.

Os dirigentes da ferrovia dos tempos antigos nunca se deram ao trabalho de construir um hotel em Waterloo, embora tenham erguido estruturas monstruosas de alto luxo nas outras estações de Londres, como a Victoria e a Paddington, e até em St. Pancras e King's Cross. Há muito Lambeth é uma das piores partes de Londres; até bem recentemente, antes do desenvolvimento da área do Festival Hall, ninguém que tivesse estilo ou bom senso desejaria ser visto por ali, nem um passageiro de retorno à cidade nos tempos das barcas vitorianas, nem qualquer pessoa por motivo algum hoje em dia. Lambeth vem melhorando lentamente, mas sua reputação a persegue.

Cem anos atrás, era um lugar francamente desprezível. Tratava-se então de um redemoinho de caminhos baixos, pantanosos, sem escoamento e alagadiços, onde um corregozinho

melancólico chamado Neckinger mergulhava no Tâmisa. A área era de propriedade conjunta do arcebispo de Canterbury e do duque de Cornwall, senhorios que, suficientemente ricos por seus próprios meios, nunca se importaram em desenvolvê-la à maneira dos grandes lordes de Londres — Grosvenor, Bedford, Devonshire —, que criaram praças, edifícios e terraços no lado oposto do rio.

Era um lugar de armazéns, barracos de aluguel e fileiras miseráveis de casas mal-acabadas. Havia fábricas de graxa (de polimento para sapatos, como aquela onde o jovem Charles Dickens trabalhou) e caldeiras de sabão, pequenas firmas de tinturaria e queimadores de carvão, e curtumes de tingimento onde os trabalhadores do couro utilizavam uma substância para escurecer peles conhecida como “pura”, que era recolhida nas ruas a cada noite pelos mais imundos indigentes locais — sendo “pura” um termo vitoriano para excremento de cachorro.

Um odor enjoativo de levedura e lúpulo pairava sobre a área, espalhado no ar pelas chaminés da enorme cervejaria Red Lion, que ficava na Belvedere Road, logo ao norte da ponte de Hungerford. E essa ponte representava um símbolo de tudo o que era abrangido pelo pântano — as ferrovias, elevando-se bem altas acima dos brejos, em viadutos sobre os quais os trens (inclusive os da London Necropolis Railway, construída para levar os cadáveres até os cemitérios no subúrbio de Woking) chocalhavam e resfolegavam, e ao longo dos quais quilômetros de vagões cambaleavam fazendo um ruído forte. Lambeth era vista de maneira geral como uma das mais barulhentas e infernais partes de uma capital que já contava com a reputação de atordoante e suja.

Lambeth também se situava logo além da jurisdição legal tanto da cidade de Londres quanto de Westminster. Pertencia administrativamente — pelo menos até 1888 — ao condado de Surrey, e isso significava que as leis relativamente severas a que estavam sujeitos os cidadãos da capital não se aplicavam a alguém que se aventurasse, via uma das novas pontes como Waterloo, Blackfriars, Westminster ou Hungerford, no quisto

que era Lambeth. Desse modo, o vilarejo logo se tornou conhecido como lugar de folgança e abandono — um local onde pululavam tabernas, bordéis e teatros obscenos, e onde um homem podia encontrar entretenimento de todos os tipos — assim como doenças de todas as variedades — por não mais que um punhado de *pennies*.

Para ver uma peça que não se enquadraria nos requisitos dos censores de Londres, poder tomar absinto nas primeiras horas da madrugada ou comprar a mais requintada pornografia recém-importada de Paris, ou ainda para ter uma garota de qualquer idade sem se preocupar em levar uma corrida do pessoal da Bow Street (como a primeira polícia de Londres era conhecida) ou dos pais dela, você ia “para os lados de Surrey”, como diziam, ou seja, para Lambeth.

Mas, como na maioria dos bairros miseráveis, a vida barata atraía também homens respeitáveis para morar e trabalhar em Lambeth, e sem dúvida George Merrett se incluía entre eles. Era um dos fornalheiros da cervejaria Red Lion; estava ali há oito anos, empregado todo esse tempo como integrante da turma que mantinha as fornalhas ardendo dia e noite, com os tonéis borbulhando e a cevada maltando sem parar. Tinha 34 anos e morava ali perto, no nº 24 das Cornwall Cottages, na Cornwall Road.

George Merrett era, como tantos jovens trabalhadores da Londres vitoriana, um imigrante da zona rural, assim como sua mulher, Eliza. Ele vinha de uma vila em Wiltshire, ela, de Gloucestershire. Ambos haviam sido colonos em fazendas onde — sem nenhuma proteção de sindicatos ou solidariedade entre os colegas — recebiam uma ninharia por desempenhar todo tipo de tarefa para senhores implacáveis. Tinham se conhecido numa exposição rural nos Cotswolds e feito votos de partir juntos rumo às incomensuráveis possibilidades oferecidas por Londres, a apenas duas horas dali no novo trem expresso que saía de Swindon. Mudaram-se primeiro para o norte da capital,

onde sua primeira filha, Clare, nasceu em 1860; depois se transferiram para o centro da cidade; e finalmente, em 1867, com a família já grande e dispendiosa demais e o trabalho braçal cada vez mais escasso, viram-se próximos das instalações da cervejaria na pocioga alvorocada de Lambeth.

O ambiente e a moradia do jovem casal eram exatamente como os das expedições horrorizadas que o ilustrador Gustave Doré fizera até ali, vindo de Paris: um mundo sombrio de tijolos, fuligem e ferros rangentes, de habitações desordenadas, de quintais minúsculos, cada um com uma latrina, um tanque de água quente e um varal para roupas, por toda parte um sopro de fedor úmido e sulfuroso, e até com o esboço de um tipo de bom humor folgazão, confuso, barulhento e inconsequente tipicamente londrino. Se os Merrett sentiam falta do campo, da sidra e das cotovias, ou se imaginavam que esse ideal nunca tinha sido o mundo que na verdade haviam deixado para trás, nunca saberemos.

No inverno de 1871 George e Eliza tinham, como era típico dos habitantes das regiões mais sórdidas da Londres vitoriana, uma família numerosa: seis filhos, numa ordem que ia de Clare, com quase treze anos, até Freddy, de doze meses. A sra. Merrett estava prestes a entrar no trabalho de parto da sua sétima gravidez. Eram uma família pobre, como muitas em Lambeth: George Merrett trazia para casa 24 xelins por semana, uma quantia miserável mesmo naquela época. Com o aluguel pago ao arcebispo e a comida necessária para as oito bocas sempre abertas, a situação deles era de grande dificuldade.

No sábado, pouco antes das duas da manhã, Merrett foi acordado por um vizinho batendo em sua janela, como estava combinado. Levantou da cama e se preparou para o turno da madrugada. Era uma noite de frio cortante, e ele se vestiu com suas roupas mais quentes: um sobretudo surrado por cima de uma espécie de guarda-pó ordinário que os vitorianos chamavam *slop*, uma camisa cinzenta esfarrapada, calças de veludo cotelê amarradas nos tornozelos com barbante, meias grossas e botas pretas. Nenhuma das peças estava lá muito limpa, mas ele

iria carregar carvão pelas oito horas seguintes e não tinha como se importar demais com a aparência.

A esposa se recordaria dele acendendo uma lâmpada antes de sair de casa. A última visão que teve do marido foi debaixo do clarão de um dos lampiões de gás com que as ruas de Lambeth haviam sido recentemente equipadas. Seu hálito era visível no ar frio da noite — ou talvez ele estivesse apenas tirando baforadas do cachimbo —, e Merrett caminhou decidido até o fim da Cornwall Road antes de dobrar na Belvedere Road. A noite estava clara, iluminada de estrelas e, assim que o ruído dos passos dele desapareceu, o único som audível era o fragor resfolegante das sempre presentes locomotivas na ferrovia.

A sra. Merrett não tinha motivo algum para ficar preocupada: presumiu, como em cada uma das vinte noites anteriores nas quais o marido trabalhara no turno da madrugada, que tudo ficaria bem. George estava simplesmente percorrendo seu caminho de sempre, rumo aos muros altos e portões ornamentados da grande cervejaria onde trabalhava, recolhendo carvão em pazadas à sombra do enorme leão vermelho que era uma das mais conhecidas marcas de Londres. Podia ser que trouxesse pouco dinheiro para casa, mas trabalhar numa instituição tão famosa como a cervejaria Red Lion, bem, isso já era motivo de um certo orgulho.

Mas nessa noite George Merrett não chegou a seu destino. Quando passava pela entrada para a Tennison Street, por entre a qual o lado sul de Lambeth Lead Works confinava com o muro norte da cervejaria, ouviu um grito repentino. Um homem o chamou bem alto, parecia que o estava perseguindo, berrando furiosamente. Merrett ficou assustado: esse era mais do que um simples salteador — a figura furtiva e ameaçadora que espreitava na escuridão, trazendo um cassetete com ponta de chumbo e usando máscara. Era algo bem fora do comum, e Merrett começou a correr aterrorizado, escorregando e deslizando nas pedras arredondadas cobertas de gelo. Olhou para